



Trabalho do departamento de research do banco central não vincula a instituição

PEDRO AZEVEDO

## Combate à crise. Governo não devia aumentar impostos sobre trabalho, diz estudo do BdP

A crise da dívida de Irlanda e Espanha têm razões pontuais. Em Portugal o caso é estrutural. Défice em 2009 não se deveu a medidas anticrise

FILIPE PAIVA CARDOSO  
filipe.cardoso@ionline.pt

Apesar de Portugal ser colocado no saco de Grécia, Irlanda e Espanha — periferias em crise —, é cada vez mais evidente que no nosso saco apenas devia estar a Grécia. Em Espanha e na Irlanda, as crises actuais foram provocadas pela crise financeira que explodiu em 2008. Algo que não é verdade para gregos e portugueses, onde a crise não veio da conjuntura.

Esta redivisão veio ontem retratada preto no branco num estudo publicado pelo departamento de research do Banco de Portugal (BdP), que não vincula o banco central, onde é discutida a consolidação em países pequenos na zona euro. “No caso da Grécia, as preocupações com a sustentabilidade das finanças públicas começaram bastante antes da crise, mas materializa-

ram-se no final de 2009, à medida que desequilíbrios se começaram a revelar”, dizem os economistas do BdP. “Espanha, Portugal e Irlanda também sofreram, no início de 2010, com a subida dos juros, depois de revelarem défices alargados nas contas de 2009”. Mas, no caso “de Espanha e Irlanda, os grandes crescimentos conseguidos na década anterior [à crise] foram muito alimentados por uma bolha no mercado da habitação, que quando rebentou obrigou a um forte ajustamento no sector bancário”. É esta a grande razão da crise que vivem.

E Portugal? “O grande desequilíbrio de 2009 resultou de aumentos discricionários na despesa pública, que apenas em parte podem ser justificados pelos estímulos anticrise”, garantem, em consonância aliás com o que já tinha sido denunciado pelo Tri-

bunal de Contas. Então que razões levaram ao défice brutal de 2009? As eleições, dão como exemplo. “Os aumentos de salários de 2,9% em ano de eleições, valor bem acima da inflação”, aponta o estudo sobre as razões da crise actual. Outra das razões apontadas está na evolução da dívida pública nos últimos 15 anos. Nesse período, vários países europeus conseguiram reduzir o peso da dívida — Irlanda e Espanha, por exemplo. Em Portugal esta nunca parou de aumentar nos anos pré-crise. Noutras palavras: “A crise internacional revelou os desequilíbrios já

existentes na economia portuguesa”, conforme disse ontem Santos Ferreira, presidente do BCP.

**TUDO ERRADO?** Analisando as conclusões do paper do BdP sobre combates a crises, nota-se que entre as recomendações do mesmo e as medidas que foram tomadas pelo governo, vai alguma distância. Um exemplo: “Para potenciar os ganhos [das medidas anticrise] é preciso retirar a carga fiscal dos impostos sobre salários e passá-la para o consumo”, dizem. Mas, em contraste, as medidas do governo têm não só passado por mais IVA, como também por aumentos do IRS, Segurança Social e mais penalizações no recibos verdes, entre outros cortes nos rendimentos.

Com N.A.

Ataque à crise não deve ser nos impostos sobre rendimentos — como fez Sócrates

1  
Faça zoom nas págs. 14-19